

Conhecimento popular relacionado ao uso do Butiá-anão (*Butia lallemantii* Deble & Marchiori) no Bioma Pampa

*Popular knowledge related to use of dwarf jelly palm (*Butia lallemantii* Deble & Marchiori) in pampa biome*

FARACO, Paulo Ricardo¹; BARBIERI, Rosa Lia²

¹PPGSPAF/FAEM/UFPel – pallica.faraco@gmail.com; ² EMBRAPA Clima Temperado - Dptº Rec. Genéticos – lia.barbieri@embrapa.br

Resumo

No Brasil ocorrem várias espécies de palmeiras conhecidas popularmente como butiazeiros ou butiá. *Butia lallemantii* Deble & Marchiori ou butiá anão é uma dessas espécies ainda pouco estudada, com ocorrência restrita ao Bioma Pampa. Apresenta caule subterrâneo, e se desenvolve em forma de touceira. Objetiva-se aqui resgatar o conhecimento popular associado ao uso do butiá-anão nos areais do sudoeste do Rio Grande do Sul. Foram aplicados questionários escritos a 26 pessoas de diferentes extratos sócio-culturais e econômicos nos municípios de Alegrete, Manoel Viana e São Francisco de Assis, com idades entre 32 e 88 anos. Destas, foram selecionadas 8 pessoas que evidenciaram maior conhecimento sobre o butiá-anão para participarem de entrevistas semi-estruturadas. No passado havia a extração das folhas para produção de crina vegetal, usada na confecção de colchões. Atualmente, as fibras das folhas e os endocarpos são usadas no artesanato, e os frutos na produção de bebidas e geléias. Os produtos e sub-produtos do *Butia lallemantii* pode incrementar a produção e fonte de renda de agricultores de base familiar.

Palavras-chave: etnobotânica; recursos genéticos; palmeiras; crina vegetal.

Introdução

No Brasil existe uma grande diversidade de palmeiras, que agregam fatores sociais e econômicos à sua ecologia. O gênero *Butia* constitui parte importante da biodiversidade brasileira e, por possuir valor atual e potencial para o ser humano, deve ser reconhecido como um importante recurso genético (BARBIERI, 2003; SCHWARTZ *et al.*, 2010; RIVAS, M. *et al.* 2014). Neste contexto, destacamos a importância do presente estudo das interações entre pessoas e plantas não só no intuito de resgatar o conhecimento tradicional, que está em processo de se perder pelo choque da cultura dominante, como para resgatar os próprios valores culturais das comunidades onde ele se encontra.

Popularmente conhecida como butiá-anão, *Butia lallemantii* Deble & Marchiori, é uma das espécies de butiazeiros que ocorre nos areais do sudoeste da fronteira do Rio Grande do Sul. Essa espécie, endêmica da região e pouco estudada, foi descrita em 2006 (DEBLE; MARCHIORI, 2006). Apresenta caule subterrâneo, sendo esta uma das características que dá origem ao nome popular. As populações naturais de butiá-anão vêm sofrendo grande ação antrópica nas últimas décadas, pela implantação de lavouras de monocultura na área de ocorrência, resultando em fragmentação das populações naturais. Com isto, o conhecimento popular relacionado aos usos do butiá-anão também se encontra ameaçado.

Materiais e métodos

Foi realizado um levantamento etnobotânico nos municípios gaúchos de São Francisco de Assis, Manoel Viana e Alegrete. Esses locais foram escolhidos a partir de informações prévias sobre a ocorrência de populações naturais de butiá-anão.

Os entrevistados, denominados de informantes-chave, foram escolhidos de acordo com a metodologia de Andrade (2009), sendo utilizada também a metodologia bola-de-neve (ALBUQUERQUE, 2004), buscando pessoas que tivessem conhecimento sobre o butiá-anão ou que já tivessem trabalhado com a extração de crina de butiá-anão.

No ano de 2010 foram aplicados questionários escritos a 26 pessoas nos três municípios selecionados, delas 12 residentes da área rural e 14 da área urbana. Foram entrevistadas pessoas de diferentes níveis sócio-culturais e econômico, e atividades ocupacionais distintas: pecuaristas, agropecuaristas, donas de casa, envolvidos com agroindústria familiar, professores, artesãos, peão, alambrador, técnicos de órgãos ambientais e extensionista da Emater. A idade dos entrevistados variou entre 32 e 88 anos. Com base nas respostas aos questionários, foram selecionadas as pessoas que evidenciaram maior conhecimento sobre o butiá-anão para participarem de entrevistas semi-estruturadas. Desta forma, em 2012, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com oito dessas pessoas, com idades entre 43 e 85 anos, sendo seis residentes na área rural e duas na área urbana.

A estrutura do questionário foi composta por uma capa de identificação do projeto de pesquisa e fotos de *Butia lallemantii*, dados de identificação do entrevistado e questões relacionadas às plantas, incluindo conhecimentos gerais, nomes atribuídos à planta, formas de utilização na alimentação e outros usos, informações sobre a obtenção de crina vegetal, produção de mudas e transplante do butiá-anão, tipo de solo onde as plantas ocorrem, manejo do campo com butiazal, época de floração e de produção de frutos.

Ressalta-se a importância do uso de fotografias nesse momento das entrevistas, assim como para a identificação, elaboração dos dados. Leonardos *et al.* (1997), considera que a utilização da imagem é uma nova via metodológica que possibilita a compreensão da vida cultural e social. No presente caso essa foi uma maneira de fazer com que os entrevistados se aproximassem do objeto de pesquisa. As fotografias a eles apresentadas aguçaram suas memórias sobre a ocorrência e o uso do butiá-anão.

Salienta-se que o uso de imagens aéreas para o georeferenciamento das populações naturais de butiá-anão foi fundamental para a certificação da ocorrência da espécie na área estudada. A metodologia proposta por Andrade *et al.* (2007) em seu trabalho “O uso de imagens de satélite do Google earth como recurso didático para o ensino de projeções de coberturas” serviu para, também, apresentar a região aos entrevistados sob outra perspectiva, nas palavras de alguns as “fotografias vistas do espaço”, onde com surpresa e encantamento foi possível a eles, compreender um pouco mais do local onde vivem.

Por outro lado a imagem fotográfica serve para que as descrições feitas no estudo sejam mais bem ilustradas e problematizadas. Como aqui compreendemos a importância da etnobotânica para o avanço da ciência pode-se afirmar, portanto, que a fotografia torna-se em certos momentos fundamental para o uso dessa metodologia.

Resultados e discussão

Os entrevistados afirmaram que as plantas de *Butia lallemantii* se desenvolvem preferencialmente em coxilhas de relevo suave ondulado, de origem arenosa e com solo de cor que varia de amarela a avermelhada. De acordo com os relatos, as plantas têm baixa ocorrência em afloramentos rochosos e não ocorrem em solos de várzeas. A maioria dos entrevistados respondeu que *Butia lallemantii* é típico de terras fracas, de baixa fertilidade e mais ácidas, porque em populações naturais mais densas, não existem muitas plantas junto com ele. De acordo com Alves (2010) o butiá-anão é uma espécie endêmica do oeste e sudoeste gaúcho, que ocorre de modo descontínuo nas colinas de substrato arenítico, compondo manchas isoladas de poucos hectares, não interconectadas, embora constituindo verdadeiros palmares. Os solos da região são constituídos predominantemente por arenitos fluviais, típicos da Formação Guará. Em certos casos, quando formados pelo arenito eólico da Formação Botucatu, é comum encontrar, nos topos dessas unidades, fragmentos de rocha vulcânica. Essas unidades sempre apresentam solos arenosos quartzosos, com baixo conteúdo orgânico, podendo ser classificados de modo geral, como Latossolos arenosos e ou Neossolos Quatzênicos, em situações que o conteúdo de argila é extremamente reduzido (SANTOS *et al.*, 2013).

A parte da planta mais utilizada, segundo os entrevistados, é o fruto. O fruto é consumido *in natura*, utilizado para o preparo de cachaça com butiá (chamada pela maioria dos entrevistados simplesmente de "aguardente"), de licores, de geleias e para engrossar caldas para coberturas de doces. O consumo *in natura*, e o preparo da cachaça com butiá são conhecidos por todos os entrevistados, sendo que a maioria considera a planta de difícil manejo, principalmente no que tange à colheita e à baixa produção de frutos comparadas a outras espécies de butiazeiros.

Os entrevistados comentaram sobre a possibilidade do uso do butiá-anão para sucos, sendo este muito apreciado. Porém, só é produzido suco na época da safra do *Butia lallemantii*, pois eles não armazenam os frutos ou a polpa por não terem acesso a técnicas voltadas a essa prática. Dos entrevistados, cinco agropecuaristas comentaram que se tivessem condições de fazer algum curso ou se dispusessem de mais estrutura para o processamento do fruto, certamente fariam este processo com o fruto congelado na entressafra. Desta forma poderia ser mais uma alternativa no incremento da alimentação para a família e ou para venda em feiras de produtores.

Uma dessas feiras é realizada todas as quintas-feiras na cidade de Alegrete. Os entrevistados que apreciam o suco de butiá foram unânimes quanto à baixa produtividade de frutos e a dificuldade do manejo da planta quando comparada a outras espécies de butiazeiros. Foi observado que *Butia lallemantii* produz em média 26 frutos por cachos, enquanto que *Butia odorata* produz mais de 1000 frutos por cacho (SCHWARTZ *et al.*, 2010).

Os entrevistados se referiram às fibras das folhas do butiá-anão como "palha", e todos indicaram, em um primeiro momento, o seu uso em um passado recente para a produção de crina vegetal. Todos eles conheciam ou já tinham ouvido falar sobre o uso da crina vegetal ou crina-de-butiá para a fabricação de colchões. A maioria presenciou a extração de folhas de butiá-anão para fornecer matéria-prima para as fábricas de colchões que havia até a década de 1960 nos municípios de Alegrete, Manoel Viana e São Francisco de Assis.

Uma entrevistada, com 85 anos de idade, comentou que um tipo de colchão muito especial era feito usando lã de ovelha em um dos lados do colchão de crina-de-butiá. Este era confeccionado da seguinte forma: de um lado era utilizado a crina e o forro do próprio colchão, geralmente feito de tecidos listrados ou “de chitão”, semelhantes ao tecido das malas-de-garupa, e do outro lado do colchão era utilizada uma camada de lã de ovelha com espessura de cinco a dez centímetros. No verão, este tipo de colchão era usado com o lado da crina para cima, e no inverno ficava com o lado da lã para cima, de modo a aquecer melhor. Uma mercadoria deste tipo era considerado o melhor presente de casamento daquela época.

Atualmente, a fibra do butiá-anão é usada em uma escala muito pequena para o artesanato. Oito entrevistados relataram a fabricação de utensílios para atividades domésticas feitos da fibra e da “ripa” (ráquis, a nervura central da folha, onde os folíolos ficam aderidos) da folha do butiazeiro. Outros dois entrevistados indicaram o uso da fibra das folhas associadas ao cipó-são-joão (*Pyrostegia venusta*) e à taquarinha-do-mato (*Chusquea meyeriana*) na produção de cestos e balaios. Na falta de disponibilidade da fibra de butiá, era utilizado o vime (*Salix viminalis*), mas esse não era comum na região. Os cestos produzidos com a mistura dos materiais ficavam muito mais fortes e resistentes, com maior flexibilidade durante o manuseio, principalmente para o transporte de frutas e legumes.

Duas senhoras, produtoras rurais e artistas plásticas, utilizam a fibra de *Butia lallemantii* de outras formas, combinando com tecidos, costurados ou colados. Das folhas fazem guirlandas natalinas e objetos decorativos para a Páscoa. Usam os “caroços” para produzir porta-guardanapos, decorar potes de vidros para guardar mantimentos, e panos de pratos decorados. As duas entrevistadas relataram o uso da espata e da ráquis para a produção de enfeites e centros de mesa. Afirmaram que estas fibras aceitam qualquer tipo de tinta, corantes ou preparados específicos utilizados em cestarias. Elas costumam limpar as fibras do butiá-anão com água-sanitária (hipoclorito de sódio) misturada com água, deixando as fibras mais rígidas de molho por mais tempo, para auxiliar na limpeza e proteger a fibra de carunchos e punilhas (traças).

A maioria dos entrevistados afirmou não ter conhecimento sobre aspectos de produção do *Butia lallemantii*. Apenas um entrevistado, com 85 anos de idade, comentou sobre o processo de colheita das folhas e preparo da crina. Ele relata que as folhas de butiá-anão eram separadas de acordo com a necessidade do tipo de crina: uma crina mais grosseira, de folhas mais velhas ou da base da planta, era utilizada para colchões. Uma crina média ou mais fina, feita de folhas mais jovens, mais do centro da copa do butiazeiro, era utilizada nos estofados, um trabalho que era realizado por homens. Os feixes de folhas não podiam ficar fechados por muitos dias porque mofavam e baixavam a qualidade do produto. Se usava uma estrutura do tipo girus de bambu para arejar e desidratar lentamente as folhas. Depois, as folhas iam para a máquina-de-rolo-de-dente, para desfiar e criar a crina-do-butiá.

O entrevistado afirmou que as mulheres faziam as mechas ou meadas de crina, também chamadas de trança, e iam enrolando no próprio braço até formar um rolo de uns três quilos (para crina de primeira) ou cinco quilos (para crina de segunda) cada uma. A extração das folhas acontecia principalmente no verão e outono.

Conclusões

O butiá-anão é utilizado pelas comunidades nas áreas de sua ocorrência. No passado seu uso era muito maior, devido à extração das folhas para produção de crina vegetal, destinada à confecção de colchões. Atualmente, as fibras das folhas e os endocarpos são usados no artesanato, e os frutos, na produção de bebidas e geléias. É importante salientar que o uso do *Butia lallemantii* pelos agricultores familiares pode vir a ser uma alternativa nos pomares domésticos como forma de incrementar a produção da propriedade e conseqüente fonte de renda a partir não só do uso de seus frutos como também de seus subprodutos e derivados. Essa é uma forma, também de se evitar a extinção da espécie na região.

Por tratar-se de uma espécie autóctone, é importante viabilizar estudos que venham a avaliar possibilidades de agregação de valor ao butiá-anão, além do consumo *in natura* do fruto, o uso das fibras das folhas em artesanato, dos frutos para produção de sucos e geléias, avaliação das propriedades medicinais do fruto, uso ornamental e paisagístico da espécie, permitindo o incremento da renda na agricultura familiar da região.

Referências

- ALBUQUERQUE, U.P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NE-PEEAT, 2004. 189p.
- ALVES, F.S. *et al.* **Fitogeografia da bacia hidrográfica do arroio Lajeado Grande-Oeste do Rio Grande do Sul**. UFPR, Geografia ano 35, n. 3. p. 605-622 set. 2010.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009. 174p.
- DEBLE, L. P.; MARCHIORI, J.N.C. *Butia lallemantii*, uma nova Arecaceae do Brasil. **Balduinia**, Santa Maria, n.9, p. 1-3, 2006.
- RIVAS, M. *et al.* Diversidade da vegetação do campo natural de *Butia odorata* (Barb. Rodr.) Noblick no Uruguai. **Revista Agrociencia Uruguai**. Agrociencia Uruguai vol.18 no.2 Montevideo dec. 2014. *Versão on-line* ISSN 2301-1548
- ROSSATO, M. **Recursos genéticos de palmeiras nativas do gênero Butia no Rio Grande do Sul**. 2007. 136f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.
- SANTOS, H. G. dos. *et al.* **Sistema brasileiro de classificação de solos** – 3 ed. – Brasília, DF: Embrapa, 2013. 353 p.
- SCHWARTZ, E. *et al.* Avaliação de populações de *Butia capitata* de Santa Vitória do Palmar. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 32, n. 3, p. 736–745, 2010.